

DANÇA
20, 21 JANEIRO 2017

Climas

de André Braga e Cláudia Figueiredo /
Circolando

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção artística André Braga e Cláudia Figueiredo **Direção e conceção do espaço cénico** André Braga
Dramaturgia Cláudia Figueiredo **Cocriação e interpretação** Costanza Givone, Daniela Cruz, Gil Mac,
Margarida Gonçalves, Paulo Mota, Ricardo Machado **Sonoplastia** André Pires **Vídeo** Gonçalo Mota
Desenho de luz Francisco Tavares Teles, João Abreu **Realização plástica** Nuno Brandão, Sandra Neves
Produção Ana Carvalhosa (direção), Cláudia Santos **Coordenação técnica e operação de luz** João Abreu
Operação de som André Pires e André Braga **Palco e montagem** Nuno Brandão **Apoio técnico e à construção**
Vitor Costa e Vadym Furyk **Apoio aos figurinos** Inês Mariana Moitas **Direção de cena** Ana Carvalhosa
Coprodução Circolando, Teatro Nacional São João, Culturgest, CMA/ Teatro Aveirense
Agradecimentos Dr. José Castro / CACE Cultural do Porto, Clã, Câmara Municipal do Porto – Divisão
de Jardins, Televis, FD Redes Vedações (Fernando Ramos & Duarte Silva Lda.), Eunice Macedo
A Circolando é uma estrutura subsidiada por República Portuguesa / Direção-Geral das Artes
Outros apoios: IEFP / Cace Cultural do Porto

Sex 20, sáb 21 de janeiro

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração aproximada: 1h50 · M14

“O clima é a variável mais potente a atuar sobre nós.”

“O tempo é presença”, forma um “corpo inconsciente”, conectando o corpo humano ao cosmos em geral. Nas situações extremas de clima, quando somos avassalados pelo exterior, podemos experimentar o germe de uma outra forma de pensamento assente em novos equilíbrios entre a dimensão sensorial e racional.

O paralelismo entre o aquecimento global e um estado febril e inquietado aproximou-nos das temáticas do fim das possibilidades e dessa forma de pântano no limiar da rebentação.

Um espaço feito de cruzamentos foi tomando forma: estação meteorológica, sanatório, estância termal, laboratório artístico.

O repto que ali prevalece foi lançado por Goethe no seu *Diário das Nuvens*: reintegrar o céu na paisagem humana.

Improvisa-se uma espécie de hipersensibilidade climática e explora-se a força e imprevisibilidade de nos deixarmos atravessar pelas mais variadas forças naturais. O corpo transformado em paisagem submete-se à ação de um potente imaginário climático e deixa-a reverberar.

Aderimos ao encontro entre poesia e estudo da natureza defendido por Goethe e somos seduzidos por essa sua ideia de que a observação atenta da natureza poderá desenvolver no homem uma espécie de novo órgão, uma outra forma de lucidez.

Em *Climas*, foi dado o lugar central à improvisação. Trouxemos as ideias de

partida e os materiais-chave e deixámos que o grupo se fosse conduzindo a lugares e situações desconhecidas e inesperadas.

Estruturámos depois o material em quatro capítulos: pântano irrespirável; febre seca; coração da terra; buraco negro.

Não foi tanto a progressão narrativa que ditou a sua sequenciação, mas mais uma espécie de carta meteorológica com diferentes centros de baixas e altas pressões.

Durante o processo, esta síntese de Kathryn Yusoff teve a força de uma revelação: “O que permanece connosco (como sensação, eco, pensamento) é aquilo que mais resiste à interpretação; o indizível; o gesto; o irredutível. [...] É nesta resistência que encontramos a arte que torce, modela e configura novos pensamentos do possível. Neste sentido, a arte é como o tempo [...]; uma força que suporta muitas pressões, tempestades, luzes e humores. Pode assaltar-te e atingir-te no teu núcleo, ou rodear-te e dispersar-te num milhão de fragmentos de luz”.

André Braga e Cláudia Figueiredo

Quatro meros anos depois do quase solo de *Areia*, momento fundador em que o performer se redescobre corpo e se reinventa numa outra linguagem, como alguém que se despoja das riquezas passadas e volta a trilhar o caminho das pedras; depois da exuberância de *Paus e Pétalas*, espécie de procura genealógica de todas as possibilidades de filiação e descendência; depois do *Espírito do Lugar* e da descoberta poética das franjas da cidade e das possibilidades dramáticas da banalidade essencial que as habita, no confronto com o cansaço dos passos que as percorrem; depois da experimentação de todas as energias que podem fluir do encontro entre profissionais e não profissionais, em *Rios do Sono*, ou em *Horas*; depois do lado escuro da *Noite*: eis-nos chegados a um espetáculo de maturidade. A um objeto complexo, lúdico e inquietante, onde tudo aquilo que julgamos conhecer se torna espesso e revela materialidades inesperadas, onde as imagens e as perguntas que nos falam de nós e do inferno que somos, das alterações climáticas e dos refúgios desolados para que vamos sendo, humanidade, empurrados não se transformam em programa, em panfleto, antes se evidenciam como estados transitórios, interrogativos, de uma verdadeira filosofia dos sentidos. Ou, como muito melhor diria o Gabiru de Raul Brandão: «O fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde?»

José Luís Ferreira
Chove. A voz é outra,
Programa de sala TNSJ

Climas é uma criação que assume, sem pudor, a sua imensa fragilidade vinda da impossibilidade de encontrar um terreno seguro que possa ser mapeado e, desse modo, ver cunhada a mesma singularidade hoje usada como sistema de validação.

Como se fosse um longuíssimo plano sequência, *Climas* percorre mais uma paleta de estados de alma do que estações meteorológicas e, de forma hábil, faz-nos acreditar no tempo como símbolo de um estado de espírito. Tal como se pudéssemos dizer que a euforia pode ser traduzida pela força de um vento elísio, e a soturnidade pelo prenúncio de trovoada.

Há várias evocações que nos surgem, bizarramente, gémeas numa coreografia que se evade, que busca a fuga, que se estrutura a partir da recusa, como se quisesse, ainda sem saber, criar a sua própria linguagem numa língua que todos falam mas ninguém parece entender.

De *Le Fleuve*, de Jean Renoir, filme amargo, amarguíssimo, falsamente deambulatório por um Ganges esperançoso e fatídico, a *Replacement*, coreografia de Meg Stuart, que retira a estabilidade dos intérpretes e os sujeita a ser corpo, coro, matéria e tragédia de si mesmos, o que André Braga e Cláudia Figueiredo, com seus intérpretes mais do que dedicados, nos oferecem é essa paleta de dificuldades em firmar e formar o caminho que possa servir de guia a uma saída, tal como faz o coletivo grego Blitz com *6AM How to disappear completely*, que escavam nas suas próprias dúvidas o caminho a seguir.

Climas é tanto mais curioso quanto se oferece como sùmula de duas linhas que fazem da Circolando uma companhia atípica na paisagem portuguesa: por um lado a ruralidade que faz das suas criações árduas pesquisas sobre o que de mais transcendente possa existir no movimento relacionado com o quotidiano e, por outro, um lado urbano-depressivo que, desde que abandonaram um teatro-físico como linha dominante, lhes faz serem arautos de um mal-estar social que se vai instalando silenciosamente até se tornar condição natural. Que possa ser através de uma peça sitiada numa paisagem agreste, sem entradas nem saídas – e daí tantas fugas em torno de si mesmos – é extraordinário ao ponto de nos deixar perplexos e incomodados.

Talvez não se pedisse esperança, mas que coletivo pode ser construído quando cada indivíduo parece ser insuficiente em si mesmo? É dessa dúvida, que ultrapassa largamente o espectro dramaturgico desta peça, que *Climas* se faz, fechando um ano amargo. Criação sobre o estado das coisas? Sim. Criação em estado de sítio? Absolutamente.

Tiago Bartolomeu Costa
Post no Facebook,
10 de dezembro de 2016



© Dinis Santos

André Braga e Cláudia Figueiredo desenvolvem o seu trabalho juntos desde 1999, ano em que fundaram a Circolando Cooperativa Cultural.

O trabalho no espaço de fronteira e cruzamentos disciplinares caracteriza o seu percurso, sendo que para as suas criações convocam um coletivo de criadores vindos das áreas da dança, teatro, artes plásticas, música e cinema.

A abordagem poética dos universos dramaturgicos, o carácter intensamente físico das propostas e a força da componente plástica e da componente musical, são traços marcantes do projeto.

Em 2011, após 10 anos de atividade, o seu percurso artístico é marcado por um claro desvio estético, em direção a uma maior crueza e despojamento. Um marco no percurso que encaram quase como uma rutura que lança um novo início para o projeto.

O homem na sua natureza dual e complexa e as realidades repletas da convivência muito própria de vários opostos ocupam agora o núcleo das reflexões. Presença forte vêm assumindo também os projetos que trabalham com a comunidade e fazem do território e das pessoas que os habitam a principal matéria criativa.

Os seus trabalhos já foram apresentados em festivais e teatros de diversos países: Espanha, França, Bélgica, Itália, Holanda, Reino Unido, Alemanha, Áustria, Polónia, Eslovénia, Brasil, Argentina, Bolívia, Panamá, Coreia do Sul e China.



© TUNA-TNSJ



André Braga

Nasceu no Porto, em 1973. Encenador, coreógrafo, cenógrafo, intérprete.

Depois de frequentar a licenciatura em Desporto e Educação Física da Universidade do Porto e a École Nationale du Cirque Annie Fratellini em Paris, dedica-se a uma pesquisa e formação pessoal em Dança, Teatro e Artes Plásticas frequentando múltiplos estúdios em Portugal, Paris, Madrid, Orleães e Viena.

Cria em 1999 a Circolando, estrutura de criação transdisciplinar, onde assume a Direção Artística. É aqui que dirige e corealiza plasticamente a quase totalidade das suas criações, participando em muitas delas também como intérprete. O seu trabalho foi apresentado em Portugal, Europa, Ásia e América do Sul.

Orienta regularmente Ateliers de Movimento e Criação Transdisciplinar.



Cláudia Figueiredo

Nasceu no Porto, em 1974. Frequenta a Licenciatura em Sociologia na Faculdade de Letras do Porto e o Programa de Mestrado e Doutoramento em Sociologia na Universidade de Coimbra.

Depois de um breve percurso no domínio da investigação e da coordenação editorial, dedica-se em exclusivo à Circulando desenvolvendo funções ao nível da direção, conceção de projetos e dramaturgia.

Refere ainda as experiências pedagógicas na Academia Contemporânea do Espetáculo: Curso de Especialização Artística em Teatro de Rua e Módulo de Dramaturgia nos cursos regulares.

Costanza Givone

Interessa-se pelo encontro e a contaminação entre as artes, procurando este encontro tanto na sua formação

como no seu trabalho. Do seu percurso artístico destaca os mestres N. Karpov, Virgilio Sieni, Simona Bucci, Sofia Neuparth, Peter Michael Dietz, Vera Mantero, Alexej Merkushev, Gey Pin Ang, Gabriella Bartolomei e as coreógrafas Madalena Victorino e Aldara Bizarro, com as quais trabalhou como intérprete. Em 2006 cofundou a companhia Zaches Teatro para aprofundar o estudo da relação do corpo com o objeto, a máscara, a marioneta.



© Dinis Santos (pormenor)



Desde 2012, a par do trabalho como intérprete, desenvolve projetos pessoais em colaboração com artistas de diferentes áreas, capazes de acrescentar novos e surpreendentes estímulos. Começou a colaborar com a Circolando em 2015 no projeto *Espírito do Lugar*.

Daniela Cruz

Nasceu no Porto, em 1985. Completou o curso vocacional na Escola de Dança Ginásiano. Em 2007, obteve a licenciatura no programa de Dança, especialização Intérprete, na Codarts, Roterdão.

Estagiou na Companhia Dansgroep Kiszttina de Châtel, em Amsterdão. Desde 2007, trabalha como *freelancer*, com vários coreógrafos, nomeadamente Corneliu Ganea, David Middendorp, Jagoda Bobrowska, Liat Magnezy, Mateja Bucar, Valasia Simeon, em vários projetos, com digressões nacionais e internacionais. Em 2012, iniciou a sua atividade como coreógrafa, com apresentações na Holanda, Alemanha e Portugal. Estreou-se como assistente de Produção em 2013, na Companhia Instável. Em Portugal, trabalhou como intérprete para Marco da Silva Ferreira (2014), Victor Hugo Pontes (2015/16), Cristina P. Leitão (2015/16), André Braga e Cláudia Figueiredo (2015/2016) e Joana Providência (2016).

Gil Mac

Nasceu em Coimbra, em 1975. É encenador, intérprete, músico e *designer* gráfico.

Como *designer* gráfico assina os seus projetos multidisciplinares como Whatever™, desde 6 de junho de 2006.



Como *performer*, é cofundador e membro da associação cultural DEMO, tendo começado no CITAC (Coimbra) em 2006 e, desde então, colaborado com a companhia Teatro do Frio, sendo intérprete / criador nos espetáculos *X-Mark* (2007), *Retalhos* (2008) e com a companhia Circolando nos espetáculos *Rios do Sono* (2014), *Água, Espírito do Lugar 1.0* (2015) e *Espírito do Lugar 2.0* (2016). Nos últimos anos, participou no projeto de investigação artística *Russian Roulette* (Demo, 2011) no Centre for Contemporary Art Ujazdowski Castle, em Varsóvia; participou no projeto interdisciplinar *Câmara Escura* (projeto BUH!, 2012), integrado na Capital Europeia da Cultura – Guimarães 2012. Foi codiretor e fez o *design* gráfico para o espetáculo *Ka*, incluído no festival SET 2013 – Porto, e desenvolveu o projeto *Code* em Hong Kong (Demo e Babel-nonprofit, 2013). Em 2014, foi coencenador e intérprete no espetáculo *PRESENÇA* e codirigiu o projeto *UWAGA!* (DEMO) no Macau Fringe Festival. Em 2015, coencenou e foi intérprete no espetáculo *Nha Terra*

(Mindelo, Cabo Verde) e foi coencenador e intérprete no espetáculo *Hydra & Orpheu* (Demo). Em 2016 apresentou a sua *performance* a solo *Oráculo* no festival literário de Macau, Rota das Letras, coencenou e interpretou o espetáculo *In Vino Veritas* (Demo), em Viseu, e foi a estúdio e fez digressão com o projeto *Lucifer's Ensemble*.



Margarida Gonçalves

Nasceu no Porto. Frequentou o curso Teatro / Interpretação na Academia Contemporânea do Espetáculo. Frequentou a École Philippe Gaulier em Londres. Iniciou o seu trabalho como atriz profissional em 1997 na companhia Teatro Bruto. Colaborou em produções do Teatro Nacional S. João, Companhia de Teatro de Almada, Companhia do Chapatô, Companhia Paulo Ribeiro e Circolando. Trabalhou com Joana Providência, Alan Richardson, Peta Lilly, José Carretas, André Riot Sarcey, Marcos Barbosa, José Wallenstein, António Capelo, António Fonseca, Joaquim Benite, Rogério de Carvalho,

John Mowat, Paulo Ribeiro, Ana Luena e Marta Lapa, entre outros. Foi responsável pelo Movimento nos espetáculos *Uma Família Portuguesa*, encenado por Cristina Carvalho, *Deserto, Deserto* e *Guernica*, encenados por Carlos Avillez. Leciona Teatro Físico / Clown na Academia Contemporânea do Espetáculo. O seu trabalho é direcionado para o movimento do ator e técnica Clown.



Paulo Mota

Nasceu em Santa Cruz do Bispo (Matosinhos), em 1991. Começou praticar karatê (*shotokan*) aos 6 anos com o *sensei* Lourenço Rocha e teatro, por volta da mesma idade, com a prima Andreia na garagem do avô Mota. Em 2010 terminou o curso de Interpretação da Academia Contemporânea do Espetáculo e, desde então, foi dirigido por Joana Providência, António Júlio, Madalena Victorino, André Braga e Cláudia Figueiredo, Victor Hugo Pontes, Ana Luena e Rogério de Carvalho. Destaca os espetáculos com música ao

vivo com Dead Combo, Carlos Bica, João Paulo Esteves da Silva, Peixe e André Pires. Em junho de 2015 dirigiu *Gaudium*, um solo cocriado e interpretado por Ricardo Machado, apresentado no Porto.



Ricardo Machado

Bailarino e coreógrafo, trabalhou como intérprete com diversos coreógrafos e encenadores, como Aldara Bizarro, Né Barros, Carlos Silva, Moncho Rodriguez, Victor Hugo Pontes, Rui Lopes Graça, Fernanda Fragateiro, Kurt Demey, Marielle Morales, Joana Antunes, Graeme Pulleyn, Anna Réti, Ido Batash, Olga Roriz e Madalena Victorino. Destaca o trabalho com a coreógrafa Karine Ponties em *Tuco*, no solo *Benedetto Pacifico* e em *Lamali Lokta*. Desde 2012 trabalhou com a Circolando em *Arraial*, de André Braga e Madalena Victorino, e em *Estufas, Rios de Sono, Horas* e *Noite* de André Braga e Cláudia Figueiredo. Atualmente trabalha com Madalena Victorino na peça *Companhia Limitada – Estação*

Terminal. Como coreógrafo destaca *Como Pedras Fora do Chão*, em parceria com Pedro Salvador, *Point of You*, em parceria com Anna Réti, e *REI-SOL*. Está a desenvolver o seu novo solo *L'après-midi d'un sportif*.

André Pires

Aprendeu alemão, o que lhe deu a oportunidade de descobrir a música e a bateria. Foi baterista da banda Refundidos, mais tarde R.E.F. (1987). A música levou-o ao circo Royal London Circus, na Ásia, e daí chegou ao novo-circo em Portugal com os grupos Tratamento Completo, Plot e Pé ante Mão, como palhaço, músico e compositor. Tinha voltado a Portugal para estudar percussão de orquestra na Escola de Música do Conservatório de Lisboa e mais tarde na Academia de Artes e Tecnologias, onde também estudou som. Foi compositor e multi-instrumentista na banda Headcleaners com quem viria a editar o álbum *Do What You Will* (2009) com poemas de WB Yeats, Fernando Pessoa e Jack Kerouack, entre outros. Zangou-se com a bateria antes de começar a trabalhar em teatro e dança (1997), a compor música, ou a fazer sonoplastia ou desenho de som com Manuel Wiborg, Miguel Hurst, Artistas Unidos (Jorge Silva Melo, Solveig Nordlund, Alberto Seixas Santos, Artur Ramos), Rui Pedro Cardoso, André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando, John Mowat, Meredith Kitchen, Jens Alzheimer, Cucha Carvalheiro, João Fiadeiro e Mónica Calle. Em 2013 reconciliou-se com a bateria e formou

a banda Krr!. Em 2014 iniciou o projeto de arte sonora Membrana. Desde 2009, é colaborador assíduo de André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando operando os espetáculos *Mansarda*, *Quarto Interior* e *Areia*. Criou o desenho de som de *Arraial*, com música ao vivo de Dead Combo, de *Paus e Pétales*, com música original de Pedro Gonçalves, e a sonoplastia de *Horas*, *Noite* e *Climas*.

Francisco Tavares Teles

Licenciado em Teatro – Design de Luz e Som, pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto. Em 2005 foi cofundador da Companhia de Teatro Mau Artista, da qual foi responsável técnico e *designer* de luz e som. Foi técnico de luz do Teatro Helena Sá e Costa, no Porto, entre 2006 e 2011. Foi técnico de luz da sala de espetáculos / bar / cinema Passos Manuel, no Porto, durante o ano de 2006. Foi responsável técnico da companhia Circolando, entre 2010 e 2016. É diretor técnico do Festival FITEI desde 2015. Como *designer* de luz já trabalhou com encenadores e coreógrafos como, entre outros, Aldara Bizarro, André Braga, Andrea Gabilondo, Carlos Avilez (ópera), Carleen Graham (ópera), Cristina Carvalhal, Gonçalo Amorim, João Costa, João Garcia Miguel, John Britton, Jorge Loureiro Figueira, José Carretas, Lee Beagley, Madalena Victorino, Manel Tur, Nuno Preto, Patrick Murys, Paulo Calatré, Pedro Estorninho e Tiago Correia.

Gonçalo Mota

Licenciou-se em Antropologia. Em 2012 completou o Master em Documental de Creación da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona. Investigador, antropólogo visual, trabalha entre a academia e as práticas artísticas.

João Abreu

Formou-se na Academia Contemporânea do Espetáculo, em Realização Plástica. Durante o seu percurso nas artes performativas executou diversas funções sempre relacionadas com a vertente plástica. Em áreas como Luz, Som, Vídeo e Efeitos Especiais, ocupou funções desde a assistência ao *design*. Entre as inúmeras estruturas com que colaborou destaca-se o Ballet Contemporâneo do Norte, Ginasiano, Teatro Experimental do Porto, As Boas Raparigas, Marionetas de Mandrágora, Maus Hábitos, Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia, Cineteatro Eduardo Brazão, Pele, RIOT, Professional Ballet School of Porto. Colaborando com nomes como Orlando Worm, João Paulo Costa, José Caldas, Norberto Barroca, Fernanda Correia, Marcelo Ferreira, Edgar Pêra, Gonçalo Amorim, entre outros. Encontra-se de momento num processo de renovação / vinculação de competências na ESMÁE, no curso de Teatro, variante de Design de Luz e Som.

Nuno Brandão

Frequentou o curso de Arquitetura na Escola Superior Artística do Porto.

Desde 2009 integra a equipa de conceção e construção de cenografia e adereços da Circolando, acumulando funções de Responsável de Oficina e Técnico de Palco nos vários espetáculos da Companhia. Participou na conceção e construção cenográfica em vários espetáculos de André Braga e Cláudia Figueiredo / Circolando, Ainhoa Vidal e Patrick Murys. Fez direção de arte e assistência de arte em projetos na área do cinema. Responsável pela conceção e construção do cenário dos concertos da digressão *A Bunch of Meninos*, dos Dead Combo. Membro da Casa das Brincadeiras – Associação Cultural.

Sandra Neves

Licenciada em Escultura pela FBAUP, em 2005. Desenvolve trabalho de desenho e escultura a par de várias colaborações na criação de cenografia, adereços e marionetas para teatro e dança. Trabalha com o Teatro da Palmilha Dentada desde a sua formação. Na área da cenografia e adereços trabalhou em várias produções da Circolando, Astro Fingido, Lufa-Lufa, Teatro Art'imagem e Teatro Regional da Serra do Montemuro. Trabalhou com o Teatro Municipal da Guarda, Teatro Bruto, Victor Hugo Pontes, Vera Santos. Na criação e construção de marionetas destacam-se os trabalhos desenvolvidos com o Teatro da Palmilha Dentada, Patrick Murys, Limite Zero, Art'imagem, Mau Artista, Teatro da Rainha e Teatro de Marionetas do Porto.

Próximo espetáculo

Aldina Duarte

Fado: a Música e as Palavras

© Isabel Pinto



Música Sex 27 de janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M6

“Este palco tem a medida certa para o meu fado, é um lugar onde é possível revelar-se genuinamente.” – Aldina Duarte sobre a Culturgest

Próximo espetáculo de dança

La nuit tous les chats sont gris

de Laurence Yadi
e Nicolas Cantillon
para a Companhia Instável

© Michel Cavalca



Dança Sex 24, sáb 25 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 50 min · M12

Anualmente, a Companhia Instável convida um coreógrafo de renome a criar uma nova peça para e a partir de um conjunto de intérpretes selecionados por audição. *La nuit tous les chats sont gris* (à noite todos os gatos são pardos), a criação deste ano, coproduzida pelo Teatro Municipal do Porto e pela Culturgest, é assumida pelo casal de coreógrafos Laurence Yadi e François Cantillon, diretores da Compagnie 7273, de que a Culturgest apresentou já *Simple Proposition* e *Climax*, em 2006, e *Romance-s*, em 2011.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt